

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Avá Canoeiro

Data: 02.12.73

Pg.: 42

29



A expedição tem percorrido trechos permanentemente alagados, que deverão tornar-se mais inundados a partir de janeiro, com a intensificação das fortes chuvas na região

# Chuvas de janeiro trarão primeiros contatos com os índios canoeiros

Texto de Edilson Martins  
Fotos de Ariovaldo dos Santos

**Rios Javaés — Ilha do Bananal** — O sertanista Apoena Meireles, chefe da expedição que busca atrair os avá-canoeiros, que há mais de 300 anos recusam aproximação com civilizados, realizou esta semana a primeira investida junto a esses índios, ao invadir de surpresa um acampamento onde eles pernhoitavam. Os índios fugiram, mas retornaram depois para recolher alguns brindes, o que inicia assim a demorada fase do namoro.

Dias antes a expedição apreendeu algumas flechas, cabaças de mel e chocinhos deixados por estes índios numa fazenda de Formoso do Araguaia. Acredita-se agora que, a partir de janeiro, com a intensificação das chuvas, o contato torna-se iminente, já que eles serão obrigados a se refugiar nas zonas altas, a salvo das águas. "Ihados nesses capões, afirma Apoena, invadiremos de surpresa o reduto, e aí não terão mais para onde fugir."

### Em lombo de burro

O sertanista Apoena Meireles continua aguardando a chegada de uma avião da Funai que o ajudará a sobrevoar diversas áreas do Município de Formoso do Araguaia, principalmente nos trechos das fazendas Canuanã e Dorilandia. Depois desse levantamento aéreo, e com a intensificação das chuvas, que já começaram na região, marcando assim a chegada do inverno, a expedição utilizará animais de carga — burros — num trecho de cerca de 80 quilômetros, separando Canuanã de Dorilandia.

As chuvas aumentam a partir de janeiro, criando o que aqui a população chama de capões, áreas altas a salvo das enchentes dos rios. O trecho que vai de Canuanã a Dorilandia, a partir de agora, só pode ser feito em animais de carga, e o único que resiste é o burro.

Nesse trecho, há vários anos, segundo depoimentos de peões e vaqueiros, os avá-canoeiros se instalam a partir de janeiro, porque se trata de uma das poucas áreas altas, não inundadas pelas enchentes.

Apoena Meireles, no início, esperava contar, em sua expedição com a participação de índios xavantes; mas diante de seu bom relacionamento com os javaés, dissidência dos carajás, instalados na ilha do Bananal, talvez ele termine optando por esses índios. Ademais os javaés conhecem profundamente toda essa região — que ocupam há milênios — embora não escondam grande temor dos avá-canoeiros, que chamam de *cara-preta*. A mulher de Apoena, Denise Meireles, estudante de Antropologia, acompanha-o na expedição.

Em seus 300 anos de existência, em condições as mais hostis, os avá-canoeiros tudo têm feito para sobreviver. Nas últimas décadas, o interior

de Goiás se transformou num agrupamento de médias e grandes fazendas de gado. Mais recentemente, ao lado das fazendas têm surgido empresas de extração de minérios. Há também, na região, muitos caçadores de pele, pescadores, posseiros e forasteiros de toda a ordem.

Toda essa gente, observa o sertanista Israel Praxedes, nunca aprendeu, ou quis aprender, como se relacionar com os índios, preferindo a fórmula simples do extermínio, da transmissão de doenças. As fazendas e empresas de extração de minérios ocuparam inteiramente as melhores terras do Estado de Goiás, e nesse processo nem sempre, ou quase nunca, o índio foi ouvido, muito menos respeitadas suas zonas de sobrevivência, onde obtinham suas caças, faziam suas roças, apanhavam seus peixes.

Neste quadro, asseguram os sertanistas, o grupo remanescente dos avá-canoeiros desponta como o mais arredo, o mais agitado pela civilização, o mais violentado pelo que se convencionou chamar de desenvolvimento e progresso, que muitas vezes se traduz em desmatamento e destruição de fauna e flora.

### O percurso

A decisão da expedição de se fixar no trecho que vai de Canuanã ao lugarejo de Dorilandia se deve a alguns fatores considerados relevantes. Na enchente dos rios Javaés e Formoso, afluentes do Araguaia, os avá-canoeiros terão que se instalar no capão da Mata Azul, zona de areia, que com a altura fica infensa às águas. O capão cria uma situação extremamente curiosa, já que nele buscamos morada o veado, a onça, as cobras, jacarés, pacas, cotias, e até mesmo algumas antas que sobraram do extermínio na região.

Os índios se instalam nestes capões, lado a lado com todos esses bichos, explicam os habitantes da região, criando uma convivência nem sempre pacífica, mas de certa forma harmoniosa. O acesso ao capão da Mata Azul não chega a ser tarefa fácil. Carro não vai até lá; embarcação, não se aconselha, já que pode encalhar definitivamente; só resta a alternativa do animal de carga, não podendo ser outro senão o burro. Nem o cavalo, boi ou jumento resistem às exigências de região tão alagadiça e selvagem.

O vôo previsto para esta semana, num avião da Funai, permitirá que a expedição conheça melhor a região. Uma das tarefas mais difíceis é separar a fantasia da realidade. Muitas das histórias dos habitantes da mata são inteiramente fantasiosas. Há casos em que um animal ferido numa cerca de arame é prontamente apontado como flechado pelos "terríveis avá-canoeiros."

Acredita-se que os avá-canoeiros, nos últimos anos, tenham-se dividido em dois grupos distintos, um ocupando as margens do Tocantins e o outro pontificando no vale do Araguaia. Essas divisões internas são comuns nos grupos indígenas, mas no caso dos avá pode ter ocorrido como uma exigência de sobrevivência; divididos em dois grupos, torna-se mais fácil fugir da perseguição, cada vez mais implacável, desfechada por gateiros, posseiros, caçadores e mineradores.

Os avá conhecem bem de perto os costumes dos brancos. Em outros trabalhos de atração, invariavelmente, o índio desconhece a cultura, hábitos, e até mesmo a capacidade de extermínio dos civilizados. Um trabalho de atração, com presentes, brindes, pode demorar, mas termina sempre os convencendo de que vale a pena a aproximação, o contato. No caso dos avá, tantos têm sido as armadilhas, os truques, e mesmo os massapre os convencendo de que vale a pepronto a aproximação da expedição.

Talvez por essa razão a expedição se incline pela atração de choque, no contato de surpresa; a expedição localiza o grupo e, aproveitando o ruído das chuvas intermitentes, de noite ou mesmo em pleno dia, invade o sítio dos índios, jogando na clareira os presentes. Facões, espelhos, machados e até espingardas deverão ser postos no tapiri — armação com presentes. Essa chegada de surpresa é uma ação que exige muita coragem, e de certa forma pode até mesmo terminar fatalmente, mas por outro lado reduz radicalmente o lento trabalho de atração.

### Outra frente

O sertanista Israel Praxedes, que desde 1947 tenta aproximar-se dos avá-canoeiros, tendo mesmo dedicado os últimos três anos a esse trabalho, acha que os dois grupos — Araguaia e Tocantins — somam cerca de 100 índios. No vale do rio Javaés, onde a fantasia de ribeirinhos os faz aparecer quase todos os dias, se informa que os avá se mostram em pequenos grupos de seis a 12 índios. Aproveitam a saída dos homens para o mato e cercam a casa, onde se encontram as mulheres. Vezes há em que entram até mesmo na cozinha, mas não moltratam nenhuma das moradoras.

Os mosquitos — transmissores de malárias — dominam a região, juntamente com cobras profundamente venenosas, destacando-se a cascavel, urutu e coral. Como a expedição não conta ainda com animais de carga, que deverão ser fornecidos pela fazenda Canuanã, o transporte da pesada mercadoria — alimentos, roupas, remédios, terçados, machados e outros brindes — está sendo feito nas costas dos componentes do grupo. Durante as caminhadas, a comida tem sido uma monótona combinação de arroz, feijão e salsicha, que se repete diariamente.



O índio Javaé, dissidência dos Carajás, conhece profundamente a região e pode ajudar muito os membros da expedição, indicando os caminhos menos perigosos para encontrar os canoeiros